

resenha

KEHL, Maria Rita. *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo, 2009, 298p.

Atropelamentos contemporâneos

Iza Maria Oliveira*

O tempo é a insônia da eternidade.
(Mario Quintana)

O tema das depressões, na produção de Maria Rita Kehl, é apresentado em seu livro “Sobre ética e psicanálise”, de 2002. Nessa obra, a depressão é indicada como um sintoma contemporâneo, tal como a histeria no começo do milênio, emergindo como uma das consequências da recusa do sujeito em assumir a dimensão do conflito que lhe é próprio. Ela refere “o empobrecimento da vida subjetiva é o preço pago por aqueles que orientam as suas escolhas em função do medo de sofrer... O medo de sofrer confunde-se com o medo do desconhecido: o neurótico resiste ao novo, resiste a romper com a repetição sintomática” (2002, p. 80). Precisamente, na última parte desse livro se apresentam questões embrionárias desenvolvidas em “O tempo e o cão”. Com rigor de pensamento que lhe é próprio, a autora, argumentando, de um lado, com o entendimento da depressão como sintoma social, e, de outro, com o esboço de fundamentações acerca da constituição psíquica do depressivo. Isso elevando a máxima do legado freudiano: reconduzir um fenômeno empírico para o campo da linguagem, “onde quer que se encontre o sujeito, encolhido pela depressão, é lá que o analista deve ir



buscar a expressão significativa de seu sofrimento” (ibidem, p.53).

Em “O tempo e o cão”, cujo tema se centra no estudo das depressões, é possível indicar pelo menos dois planos: um, metodológico, e outro, clínico. A complexidade da pesquisa se deve, também, por esses planos se complementarem e se sobreporem continuamente.

O primeiro se refere à trajetória na literatura para empreender seu estudo, ou seja, pensamentos de outros autores de que Kehl lança mão para dialogar e sustentar sua pesquisa enquanto, no plano clínico, se sobressaem formulações para o estabelecimento da constituição do sujeito depressivo e como pode ser concebido como sintoma social. Para a autora, a depressão é uma posição do sujeito no fantasma. Também, neste plano, se apresentam direções de tratamento a clínica com pacientes depressivos, o que não se refere a prescrições técnicas, mas àquilo que Freud refere em seus textos sobre a técnica, ‘os manejos transferenciais’.

Outro elemento importante a ser destacado se refere à originalidade da autora em apresentar um pensamento psicanalítico próprio sobre as depressões,

propondo-as como uma categoria clínica, diferente da melancolia e de recorrências clínicas no campo das neuroses.

No que se refere ao plano metodológico, a relevância se deve ao fato de o estudo empreender um diálogo da psicanálise com outras disciplinas, numa interlocução rigorosa do saber psicanalítico com outros discursos. Entre estes, a filosofia, a literatura e a sociologia; sejam clássicos ou literaturas atuais da formação do pensamento ocidental, construindo diálogos da psicanálise com conceitos propostos por autores como Benjamin e Spinoza. “A depressão, equivalente psicanalítico da melancolia benjaminiana, se expande sobre o terreno de onde o sujeito se retirou”, verifica Kehl.

Nesse aporte da literatura, é oportuno ressaltar a recorrência a textos fundamentais de Freud, mostrando a atualidade, não sem verificar as limitações de um pensamento em acordo com uma época, como por exemplo, “Luto e melancolia” e “Psicologias das massas”, bem como uma revisitada ao tema do complexo de Édipo, mostrando novas formas de dissolução. Ainda neste campo da literatura, o trabalho de Kehl dialoga com autores pós-freudianos, tais como Melanie Klein e Lacan, mostrando suas concordâncias, como também pontos de divergência, além de fazer referências importantes ao pensamento de Winnicott.

De outro lado, e entrelaçado ao plano das fundamentações de pensamentos de clássicos e atuais da psicanálise e de outros saberes, Maria Rita Kehl não perde, em nenhum momento, o fio clínico que conduz suas reflexões. Um deles são os fragmentos clínicos descritos no texto, em que a autora mostra como se atualizam na transferência as questões constitutivas do sujeito depressivo, apontando, com isso, direções de

tratamento a essa clínica. Um exemplo é o caso M., em que é apresentada a constituição de um sujeito entregue à velocidade/voracidade do Outro. Através da análise, a paciente pode estabelecer uma temporalidade própria, substituindo o vazio de desejar pela indagação sobre a causa de seu desejo e inventando modos de bem-dizer. Para Kehl, a psicanálise oferece ao deprimido a perspectiva de um percurso livre da pressa e da demanda do Outro, podendo ser estabelecida uma temporalidade em que esteja em causa o jogo de presença e ausência. “O depressivo precisa de tempo para falar ao analista até que, de sua aparência aparentemente esvaziada de conflito possa advir uma palavra plena, comprometida com o saber inconsciente”, indica a autora.

No que se refere ao plano clínico, como assinalado anteriormente, Kehl empreende um pensamento rigoroso e sistemático para mostrar a constituição psíquica nas depressões. Para isso, ela focaliza as proposições de Winnicott, como a da “capacidade de sentir-se deprimido”; não obstante, a autora empreende considerações importantes quanto ao pensamento lacaniano, em especial ao texto “O estádio do espelho como formador da função do eu”, de 1949. Para argumentar a constituição da depressão enquanto uma posição subjetiva no fantasma, Kehl apresenta com precisão a configuração edípica nas depressões, indicando, também, a recorrência de novas modalidades de dissolução do Édipo em nossos tempos. A “escolha” pela posição depressiva se definiria no segundo tempo do Édipo, momento em que o pai aparece como aquele que priva a mãe do falo e frustra a satisfação infantil. Um comprometimento desta lógica produziria um recuo da criança à entrada na rivalidade fálica, o que significaria “recusar a entrada da dimensão conflitiva que marca a vida

psíquica do neurótico” (p. 261).

Para sustentar essa proposição-eixo de seu pensamento sobre as depressões, Kehl dialoga com literaturas relevantes de autores brasileiros e franceses, de filiações de diversas escolas psicanalíticas. Uma distinção do seu pensamento em relação a esses autores se refere que ao recuo depressivo, que, para ela, no campo do desejo é produzido pelo excesso de presença do Outro – realizando um curto-circuito entre necessidade e satisfação – e não, como muitos estudos do campo psicanalítico sustentam, pela ausência prolongada do Outro. Também, para precisar que a depressão se refere a uma posição do sujeito no fantasma, ela diferencia a depressão da melancolia e de recorrências depressivas na neurose obsessiva e histeria, assim como o do entendimento da depressão como mecanismo de defesa.

Como exposto anteriormente, esta posição do sujeito depressivo se constitui numa configuração edípica e se manifesta na forma como o sujeito se relaciona com a temporalidade. A experiência subjetiva do tempo é efeito de uma lógica de temporalidade contemporânea. Se este Outro materno antecipa a demanda, fazendo um curto circuito entre demanda e satisfação, produzindo um empobrecimento da imaginação, ele nada mais é do que efeito de um campo de linguagem, de uma lógica discursiva do social. Para mostrar como a temporalidade contemporânea se apresenta, Kehl indica muitos *flashes* discursivos, por exemplo,

os presentes na publicidade, como o slogan televisivo: “O futuro já começou”.

O “Tempo e o cão” apresenta muitas questões a serem examinadas com atenção. Neste texto apenas foram assinaladas algumas considerações a partir de uma primeira leitura. Sem dúvida, esse livro é um trabalho que requer uma leitura com pausas, ‘tempos vazios’ para o pensamento, sem excessos de compreensões, sem atropelamentos desnecessários. Pois estes, como a autora refere-se ao cão que se esfacelou em baixo de seu carro, na alta estrada paulista, são inevitáveis. Uma direção ética para qual seu estudo aponta é o que podemos fazer com os atropelamentos intrínsecos à vida contemporânea. Como adverte Lacan, no seu texto “Função e campo da linguagem”, sobre o compromisso do psicanalista, “que antes renuncie a isso [psicanálise], portanto, quem não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época. Pois, como poderia fazer de seu ser o eixo de tantas vidas quem nada soubesse da dialética que compromete com essas vidas num movimento simbólico” (1953/1998).

Referências

KHEL, M.R. (2009) *O cão e o tempo: a atualidade das depressões*. São Paulo, Boitempo.

_____. (2002) *Sobre ética e psicanálise*. São Paulo: Cia. das Letras.

LACAN, J. Função e campo da linguagem (1953/1998). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.

_____. O estádio do espelho como formador da função do eu (1949/1998). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.



* IZA MARIA OLIVEIRA é Doutoranda em Psicologia Clínica (PUC-SP), Mestre em Estudos Literários/ Literatura e Psicanálise pela UFSM e graduada em Psicologia pela UNIJUI.